

Mesmo que no final ele conseguisse, graças à qualidade excepcional de sua música, se tornar um mestre compositor de elite, nesse mundo anterior à sua transmigração, no máximo ele teria um pouco mais de dinheiro que uma pessoa comum, longe de ser um magnata. Já roteiros de cinema, então, nem se fala. Se ele mesmo filmasse, a produção teria custos, a exibição exigiria divisão de lucros com as salas de cinema, e ainda por cima elas poderiam nem aceitar exhibir. Mesmo que aceitassem, era comum naquela época as salas atrasarem o repasse dos lucros por um ano ou dois. — Se você processar, pode esquecer de lançar qualquer outro filme no futuro! Quanto a vender os roteiros para outros, em Hong Kong naquela época, os roteiristas ganhavam ainda menos que os compositores! Depois de muito refletir, ele concluiu que, se queria mesmo ser um "plagiador criativo", só restava mesmo a área da literatura. Mas, entre as obras literárias que Lin Zhengyi lembrava, a maioria eram romances com milhões de palavras — recriá-los seria uma tremenda perda de tempo. Como policial, mesmo sendo apenas do Departamento de Execução e Controle de Trânsito, sua rotina já era bem corrida. Além disso, boa parte das obras clássicas já existiam naquela época, então ele não podia copiá-las. No final, depois de muito pensar, ele descartou as obras literárias que demandariam tempo demais para replicar, eliminou também os clássicos que já existiam e, entre o que restou, escolheu a opção mais lucrativa: **Harry Potter**! Com mais de 500 milhões de cópias vendidas no futuro e uma franquia cinematográfica extremamente lucrativa, essa história infantil, uma vez escrita, renderia fortunas. E, embora tivesse cerca de 2 a 3 milhões de palavras no total, estava dividida em sete livros — em média, apenas algumas centenas de milhares por volume. — Várias milhões de palavras eu não teria tempo. Mas algumas centenas de milhares, isso dá pra encaixar. Ele silenciosamente pediu desculpas à J.K. Rowling, mas logo lembrou que esse era um mundo misto de Hong Kong, e talvez ela nem existisse ali. Assim, a culpa desapareceu. — Mas, pensando bem... **Harry Potter** é uma história ocidental. Se for publicada em Hong Kong, provavelmente não vai bombar. Ele já havia lido os livros em inglês várias vezes e sabia que, como obra ocidental, os modismos e nuances linguísticas de **Harry Potter** eram muito diferentes dos orientais. Publicá-lo em Hong Kong exigiria tradução para o chinês, e, uma vez traduzido... seria como assistir a um filme dublado com aquela voz artificial de sempre. Por mais incrível que fosse o enredo, a tradução tornaria tudo sem graça. Claro, ele poderia adaptar o texto para soar mais natural em chinês, mas mesmo assim não resolveria o problema. A ambientação do livro era toda baseada no Reino Unido, com elementos da cultura e mitologia britânicas. Não importava o quanto ele adaptasse, continuaria estranho para o público oriental. No pior cenário, talvez nem conseguisse publicar, quem dirá fazer sucesso. Portanto, para **Harry Potter** funcionar, teria que ser publicado em inglês, direto na Europa. Só assim faria sucesso. — Mas dizem que, no início, nenhuma editora acreditou em **Harry Potter**. A primeira tiragem foi de apenas algumas centenas de cópias, e só depois, graças ao boca a boca, o livro explodiu. Se fosse ele tentando, sem o respaldo de uma editora... provavelmente nem publicariam. — Afinal, eu sou chinês. Por mais que não quisesse admitir, naquela época muitos ocidentais desprezavam os chineses. Se as editoras europeias vissem um autor asiático por trás de uma história britânica, poderiam rejeitar só por isso. — Então só me resta... o Ed. Ele havia se formado em Cambridge e, lá, feito vários contatos. Ed era um deles. E a relação entre os dois ia além: eram colegas de quarto e de curso. Passavam mais da metade do dia juntos — comendo, estudando, saindo. Naturalmente, viraram amigos próximos. Além disso, Ed era o herdeiro da Reed Publishing, a maior editora do Reino Unido. Com a influência dele, mesmo que a editora não acreditasse no livro, ainda assim publicariam — e com uma tiragem maior que míseras centenas de cópias. O único problema era que Lin Zhengyi ficaria devendo um favor. Mas, se o livro fizesse sucesso, no futuro bastaria priorizar a Reed Publishing nas próximas publicações, talvez até aceitando condições um pouco pior, e a dívida estaria quitada. Antes disso, porém, ele precisava escrever o livro. — Vou começar a escrever no tempo livre e, quando terminar, falo com o Ed. Com o prestígio dele, a publicação sai. Decidido, ele não agiu imediatamente. Em vez disso, foi tomar um banho e descansar. Estava exausto depois de um longo dia. --- **Capítulo 11** — Os membros do esquadrão Na manhã seguinte, Lin Zhengyi acordou cedo e foi a uma loja de eletrônicos comprar uma máquina de escrever. — Exército sem suprimentos não avança. Já que decidira escrever **Harry**

Potter\*, precisava das ferramentas certas. E, naquela época, a melhor opção era a máquina de escrever — longe de um computador moderno, mas ainda assim a solução mais eficiente disponível. Computadores existiam, mas a memória era mínima, e não tinham softwares de edição de texto. No fim das contas, a máquina de escrever era superior. Mas, como precisava ir trabalhar em breve, ele não começou a escrever imediatamente. Apenas levou a máquina para casa e partiu. --- \*\*Esquadrão de Trânsito de Kowloon Oeste\*\* Com um \*youtiao\* (um tipo de pão frito) em uma mão e um copo de leite de soja na outra, Lin Zhengyi entrou no prédio da polícia e logo encontrou um homem de topete, uniforme preto, magro e com uma expressão severa. Era seu superior, o chefe do Departamento de Execução e Controle de Trânsito e vice-diretor da Divisão de Tráfego: \*\*Inspetor Chen Dao\*\*. — Bom dia, senhor! Lin Zhengyi rapidamente abaixou o pão e o leite de soja para fazer uma continência. — Hm.Chen Dao acenou com a cabeça e disse, sorrindo: — Rapaz, você se saiu muito bem ontem! Acabei de receber um telefonema do chefe Lin, e ele fez questão de elogiar você! — Foi só uma coincidência, nada mais — respondeu Lin Zhengyi, modesto. — Nada dessa modéstia! O chefe Lin me contou tudo o que aconteceu, e a verdade é que o mérito foi todo seu. Chen Dao riu, mas depois fez uma cara estranha e acrescentou: — Só que o método que você usou... foi um pouquinho \*inusitado\*, digamos assim. [Quem diria que esse cara formado em Cambridge sabia \*roubar\*? E não era amador não!] Tirar as balas da arma de alguém sem fazer barulho? Na experiência dele, lidando com ladrões durante anos, menos de 1% teria essa habilidade. Só mesmo os melhores entre os melhores. Dá até pra chamar o Lin Zhengyi de \*rei dos ladrões\* agora. — Hmm... — Lin Zhengyi coçou o nariz, sem saber muito o que dizer. [Como explicar que a culpa era do sistema?] Chen Dao, porém, mudou de tom e continuou, sorridente: — Mas, como diz o ditado: \*gato preto, gato branco, o que importa é pegar o rato\*. Se o método funciona contra criminosos, então tá valendo! Ele fez uma pausa e acrescentou: — Ah, e o chefe Lin mencionou que em alguns dias vai ter uma missão em que você precisará dar suporte. Ele vai avisar o horário, e você vai comandar a equipe. — E hoje, leve seu pessoal para fiscalizar o trânsito na Rua Ronghua, em Yau Ma Tei. Tá todo mundo reclamando do congestionamento por lá. — Sim, senhor! — respondeu Lin Zhengyi, imediatamente. — Bom, não vou atrapalhar seu café da manhã. Tô indo! — Chen Dao se virou para sair. — Até mais, senhor! Mas, depois de dois passos, Chen Dao parou de repente, como se tivesse lembrado de algo. Virou-se de novo para Lin Zhengyi e disse: — Quase esqueci de te contar uma boa notícia! — Por causa do seu desempenho, decidiram reduzir seu período de experiência em um ano. Claro, o documento oficial ainda não saiu, então considere isso um aviso antecipado. E não espalha, hein? Se descobrirem que vazei informação da reunião, vão me crucificar! Ele fez um gesto brincalhão, como se estivesse fechando um zíper na boca. — Entendido, senhor! — Lin Zhengyi concordou, com um sorriso. — Tá bom, chega de papo. Vou vazando! — Chen Dao acenou e saiu de vez. — Certo, senhor! Assim que Chen Dao sumiu de vista, Lin Zhengyi pegou seu café com pão e entrou no escritório principal. No Departamento de Trânsito de Kowloon Oeste, havia nove equipes, cada uma com seu próprio espaço. A que Lin Zhengyi entrou era a da sua turma. Mal pisou lá dentro, um cheiro delicioso invadiu suas narinas. Seguindo o aroma, ele viu o pessoal reunido em volta de algo. — Opa, o que é isso? Tá cheirando muito bem! — brincou. Todos viraram para olhar. — Bom dia, senhor! — Chefe! — E aí, capitão! Como a equipe já trabalhava junta há meses e o clima era descontraído, alguns o chamavam até de \*chefão\* ou \*capitão\*. — Bom dia, pessoal! — cumprimentou ele, antes de perguntar: — Mas sério, o que vocês tão comendo? Uma senhora de uns quarenta e poucos anos, baixinha, cabelo cacheado e um pouco acima do peso, se adiantou: — Chefia, hoje de manhã fiz uma sopa de costela com abóbora para o meu filho e resolvi trazer um pouco para o pessoal experimentar!